

Pecuária de Corte

Geografia da crise

Fabiano R. Tito Rosa*
Leonardo Alencar**
Alcides de Torres***

A PECUÁRIA nacional foi acometida por uma crise de preços, deflagrada por uma conjunção de fatores que compreende, entre outros tantos, a oferta relativamente elevada de gado, o real “supervalorizado” e a ocorrência recente de focos de febre aftosa.

Esse quadro castiga produtores em todos os cantos do País, mas em intensidade diferente. Tome-se como exemplo dois extremos. No início de julho, o boi gordo em Rondônia era negociado a R\$36,00/@, a prazo, para descontar o Funrural. Era, disparado, o bovino mais “barato” do Brasil. Uma cotação tão baixa, em reais nominais, que não era registrada no estado, desde o final de julho de 2002.

Rondônia destacava-se como o “lantaninha” do “seleto” grupo de praças onde a cotação da arroba estava abaixo de R\$40,00. Nessa situação, além do referido estado, estavam as regiões de Redenção e Marabá, no Pará, e de Alta Floresta, no Mato Grosso, com respectivamente R\$38,00/@, R\$39,00/@ e R\$39,00/@, tudo a prazo, para descontar o imposto.

Na outra ponta, figurava a região de Pelotas, no Rio Grande do Sul, com boi a R\$1,89/kg, o que equivale a R\$56,70/@, nas mesmas condições de pagamento. Era, com folga, a cotação mais alta do Brasil. A diferença em relação a Rondônia estava em 55,6%, ou R\$20,70/@! Analisando de outra forma, a diferença entre os dois preços equivalia a 57,5% do valor do boi de Rondônia.

É uma discrepância muito grande. Poder-se-ia supor ser uma distorção típica de um país continente. Pode até ser, mas só isso não satisfaz como explicação. Nos

últimos anos, alguns acontecimentos alteraram de formas bastante distintas as conjunturas mercadológicas de cada Estado.

Sul

No Rio Grande do Sul, por exemplo, houve um forte ajuste de oferta. Isso não descarta a influência sazonal típica do período, com a ausência de animais terminados tanto em pastagem de verão (que já haviam sido comercializados), como em pastagem de inverno (que ainda não estavam disponíveis para a venda). Mas as explicações vão além.

Inicialmente, cabe entender o efeito da crise, ao longo dos últimos anos, na redução de investimentos e no crescimento do abate de matrizes. No caso do Rio Grande do Sul, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o abate de vacas no esta-

do aumentou 160,7% de 2002 para 2005, enquanto o de bois, no mesmo período, aumentou “apenas” 60,6%. Em termos proporcionais e de país, o abate de fêmeas no estado gaúcho foi o quinto, bem acima da média nacional.

Embora os números do IBGE estejam subestimados, pois retratam apenas o bovino abatido de maneira legal (fiscalizada), o comportamento apresentado pode ser considerado real. Um aumento de mais de 160% em 3 anos não pode ser creditado apenas ao abate de novilhas ou vacas de engorda. Houve, realmente, um descarte forçado de fêmeas, com toda repercussão na menor oferta de animais para o mercado.

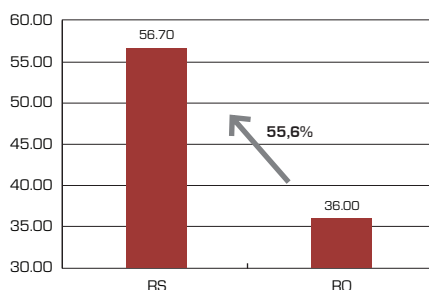
O primeiro sinal dessa retração na oferta de gado veio do mercado de reposição. Por exemplo, ao longo do primeiro semestre de 2005 as cotações do

Abates de bovinos no Brasil e nos Estados de maior crescimento (cabeças)

Estado	Categoria	2002	2005	Var.
Tocantins	Boi	423.159	458.450	8,3%
	Vaca	93.350	465.341	398,5%
Bahia	Boi	359.559	567.785	57,9%
	Vaca	46.252	192.240	315,6%
Rio Grande do Norte	Boi	35.600	25.785	-27,6%
	Vaca	4.272	13.670	220,0%
Mato Grosso	Boi	1.444.328	2.095.668	45,1%
	Vaca	600.236	1.796.160	199,2%
Rio Grande do Sul	Boi	267.707	429.859	60,6%
	Vaca	318.406	830.158	160,7%
Brasil	Boi	11.635.936	13.162.462	13,1%
	Vaca	4.769.140	10.250.522	114,9%

Fonte: IBGE

Boi gordo em Rondônia e Pelotas (RS), em 6 de julho de 2006 – R\$/@ a prazo.



Fonte: Scot Consultoria

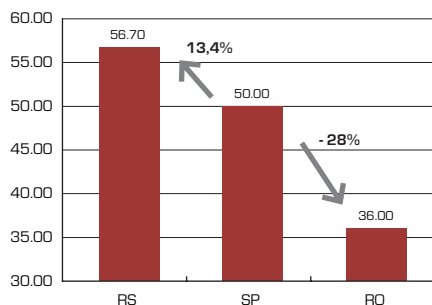
bezerro de cruzamento industrial reagiram, em média, 44,8% no Rio Grande do Sul, considerando as categorias de 8 a 10 meses e de 12 meses. Depois, veio o boi gordo que, no mesmo período, reagiu 13,2% na região de Pelotas e 3,5% na região de Erechim.

A competição com a agricultura também ajudou no ajuste de oferta. Esse movimento mostrou-se bastante forte entre os anos de 2002 e 2004. As estimativas são de que as áreas de pastagem do Rio Grande do Sul encolheram 6,8%, de 11,35 milhões de hectares para 10,58 milhões de hectares. Em vários estados também houve movimento semelhante, mas a aplicação de tecnologia permitiu alocar mais animais em menos área. No entanto, no extremo Sul do país, onde a característica de produção está baseada em campos nativos, sendo difícil a incorporação de tecnologias que permitam um aumento de lotação, esse efeito foi menos intenso.

Por fim, destaca-se a evolução das exportações gaúchas de gado em pé. A quantidade saiu de zero em 2004 para 43,87 mil cabeças em 2005. A evolução é expressiva, mas o montante não é muito grande. Se tomarmos como base os abates fiscalizados de bois e vacas, as exportações representaram ao redor de 13 dias de abate dos frigoríficos locais. De toda forma, não deixa de ser uma contribuição.

E não bastasse o ajuste de oferta, o Rio Grande do Sul foi agraciado com a queda

Boi gordo em Rondônia, Pelotas (RS) e Barretos (SP), em 6 de julho de 2006 – R\$/@ a prazo.



Fonte: Scot Consultoria

dos embargos à carne bovina por parte da Rússia e do Chile, respectivamente segundo e quarto maiores clientes brasileiros. Agora o desafio é produzir carne para exportar.

Norte

Na Região Norte, o avanço da pecuária repercutiu em aumento de oferta. O rebanho rondoniense, por exemplo, aumentou 27,8% entre 2002 e 2005. Nesse quesito ficou atrás apenas do Amazonas, com aumento de 30,7% no mesmo período.

A capacidade de abate em Rondônia não acompanhou tal avanço. Após algumas aquisições e fusões, cerca de 70% a 80% dessa capacidade ficou concentrada nas mãos de um grande grupo frigorífico do Brasil. Isso ajuda a explicar, por exemplo, porque o boi de Rondônia vale (ao menos valia, até o fechamento da análise) R\$2,00/@ a R\$3,00/@ a menos que o boi do Pará, estado que, ao contrário de Rondônia, não é considerado, internacionalmente, livre de febre aftosa sem vacinação.

Na média do período pós-1996, a cotação do boi gordo em São Paulo ficou 9,6% acima da registrada no Rio Grande do Sul. É verdade que durante alguns breves períodos a situação se inverteu e o boi gaúcho ficou acima do paulista. Mas a diferença nunca havia alcançado os 13,4% como no início de julho deste ano.

Essa análise mostra o grau de dinamismo do mercado e a influência de fatores conjunturais específicos, que variam de

O que diz a nova instrução do Sisbov

Publicado no *Diário Oficial da União* de 14 de julho último, com prazo de dois meses para entrar em vigor, uma nova instrução consolida e reestrutura a legislação do Serviço de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos (Sisbov). Fruto de mais de um ano de trabalho intenso com os representantes da cadeia produtiva, o documento enxuga a base de dados do sistema. O cadastramento passará a ser feito por propriedade e não por animais. Hoje existem mais de 34 milhões de animais cadastrados. Isso permitirá maior eficiência das auditorias do MAPA.

No novo conceito de propriedade aprovado será exigida a identificação de todos os animais, o controle da utilização de insumos, a descrição do sistema de produção e o registro dos eventos sanitários e de manejo, bem como a participação dos órgãos estaduais de sanidade animal no sistema.

A adesão ao Sisbov é voluntária, mas necessária no caso das exportações de carne destinadas aos mercados em que se exigem a rastreabilidade, como a União Europeia e Chile.

Atualmente, cerca de 80% da produção brasileira de carne bovina ficam no mercado interno. Dos 20% exportados, só 4% se destinam ao Chile e União Europeia. A tendência, no entanto, é de que outros mercados passem a exigir a rastreabilidade, levando os produtores e exportadores a se adaptarem a essas normas. Com 79 mil propriedades cadastradas e 65 certificadoras credenciadas, o Brasil tem condições de adequar-se ao novo sistema.

estado para estado, ou de região para região, sobre o comportamento dos preços do boi gordo. ■

* zootecnista

** zootecnista

*** engenheiro agrônomo

Scot Consultoria, tel. (17) 3343-5111

www.scotconsultoria.com.br